JE
O Jornal Económico

ESPECIAL

HENGQIN

DA PONTE FLOR DE LÓTUS PARA O CENTRO DA GREATER BAY AREA

A Ilha da Montanha está no centro do ambicioso plano de criar, no sul da China, uma das regiões de negócios mais importantes do mundo. Hengqin está ao lado de Macau mas será mais do que a sua extensão, com um sistema fiscal vantajoso e mais zonas dedicas à alta tecnologia, ciência e investigação. A economia da área da Grande Baía, onde a ilha se insere, vale quase 1,2 biliões de euros – maior do que a de vários países do G20.

DESENVOLVIMENTO

Hengqin no centro do plano grandioso para o sul da China

Pequim utiliza posição estratégica de Hengqin para alavancar sinergias com Macau e Hong Kong. Greater Bay Area como pólo de desenvolvimento mais avançado do planeta é o grande objetivo. ● II

ENTREVISTA

Fernanda Ilhéu

Presidente da Associação Amigos da Nova Rota da Seda

"Portugueses têm bons produtos mas adotam lógica de loja chinesa" ● PIV

HUB DE NEGÓCIOS

Grande Baía deverá crescer mais do que o resto da China ● VI

DESENVOLVIMENTO

Hengqin no epicentro do grandioso plano para o sul da China

Pequim utiliza posição estratégica de Hengqin para alavancar sinergias com Macau e Hong Kong. O objetivo é transformar a Greater Bay Area no polo de desenvolvimento mais avançado do planeta.

ANTÓNIO VASCONCELOS MOREIRA
amoreira@jornaleconomico.pt

Situa-se a uns meros 187 metros de Macau e tornou-se na maior das 146 ilhas de Zhuhai após a junção, através de reclamação de terras, da "Grande Ilha da Montanha" com a "Pequena Ilha da Montanha". Localizada na margem oeste do Rio das Pérolas, a Ilha de Hengqin (lê-se "hen-chin") está em pleno desenvolvimento e será parte essencial do corredor Guangdong-Hong Kong-Macau-Shenzhen. Com Hengqin, estas quatro cidades formarão a Greater Bay Area, um projeto com o cunho do Partido Comunista Chinês, que pretende fazer desta região no sul da China uma concorrente global das conhecidas Tokyo Bay Area, San Francisco Bay Area e New York Bay Area.

No total, a Greater Bay Area terá 56 mil km2, cerca de 1,5 vezes maior que a Tokyo Bay Area, e terá 68 milhões de habitantes, mais do que a população francesa. Quanto ao valor económico, estima-se que possa gerar um mil milhões de dólares (ver páginas 6 e 7 deste suplemento). Pequim encara-a como uma das regiões mais abertas e economicamente mais dinâmicas da China, sendo uma peça essencial no desenvolvimento do país. Pela sua função neste plano 'grandioso', Hengqin deixará de ser uma simples ilha para passar a desempenhar um papel fundamental como plataforma de cooperação entre Macau, Hong Kong e Guangdong.

Hengqin, mais do que a extensão de Macau

O desenvolvimento de Hengqin é indissociável da ilha vizinha de Macau, à qual está ligada pela ponte Flor de Lótus. Com 106 m2, é três vezes maior do que o antigo território sob administração lusa, devolvido à China em 1999, que começou a ter problemas de espaço, ofacto que limitou a sua expansão urbana e acabou por inflacionar os preços da vida cotidiana, nomeadamente no imobiliário e mão de obra.

"Tenho estado preocupado com o desenvolvimento de Hengqin", disse Xi Jinping em outubro de 2018, por ocasião do discurso proferido aquando da quarta e última visita à Ilha de Hengqin. "A intenção inicial para a construção da Nova Área de Hengqin foi a criação de condições para o desenvolvimento de diversas indústrias em Macau", referiu o presidente da República Popular da China.

Um dos exemplos mais relevantes das sinergias entre Macau e Hengqin é a deslocação da universidade do antigo território português para Hengqin. A nova Universidade de Macau é um campus com uma área superior a um km2 e foi erguido em terras que a Região Administrativa Especial de Macau arrendou à Nova Área de Hengqin, segundo a legislação macaense que foi aprovada com a autorização de Pequim.

Na Universidade de Macau, com capacidade para dez mil alunos, situam-se doze faculdades, onde são ensinados mais de 130 cursos, tendo sido criada uma equipa altamente qualificada em investigação. A instituição de ensino dispõe ainda de três laboratórios, um dos quais dedicado à investigação da Internet das Coisas, e outro especializado em investigação da medicina tradicional chinesa, fundamental na difusão mundial da mesma. Neste centro, com 500 mil m2, já se encontram 126 empresas, entre as quais farmacêuticas, pólos de pesquisa e de desenvolvimento e laboratórios de teste de medicamentos.

A deslocação do antigo Porto de Lótus de Macau para a Ilha de Hengqin é outro exemplo da 'expansão' macaense para a ilha vizinha. O novo porto tem uma área de construção equivalente a 1,3 milhões de km2 e capacidade para 80 milhões de passageiros por ano, podendo ainda emitir vistos para 220 mil pessoas por dia.

Enquanto Macau continuará a ter no jogo a indústria predominante, a Nova Área de Hengqin será dividida em dez secções destinadas a atrair diversas atividades económicas e também a alavancar o potencial da nova cidade com Macau e Hong Kong.

A Nova Área de Hengqin terá um centro de negócios e nove zonas dedicadas a atividades específicas, como a portuária, educação, turismo e lazer, e indústria ecológica e paisagística. Terá ainda uma zona dedicada à alta tecnologia, outra à ciência e investigação e serviços integrados. Haverá também uma zona cultural e outra residencial.

Em 2015, viviam aproximadamente oito mil pessoas em Hengqin. Mas, segundo as estimativas mais recentes, espera-se que o número de residentes na antiga Ilha da Montanha cresça para 280 mil até ao final do ano.

O PIB de Hengqin ascendia a 6,8 mil milhões de renminbi em 2014, pouco menos de mil milhões de euros. Mas, em quatro anos, a economia local registou um ritmo de crescimento médio de 29,1%, com o PIB de Hengqin a atingir os 24,5 mil milhões de renminbi em 2018, cerca de três mil milhões de euros. Além disso, o Investimento Direto Estrangeiro disparou mais de 300% em igual período para mais de mil milhões de dólares. Sinais claros que Pequim pretende acelerar o desenvolvimento da ilha.

Alavancar as vantagens de "um país" e de "dois sistemas"

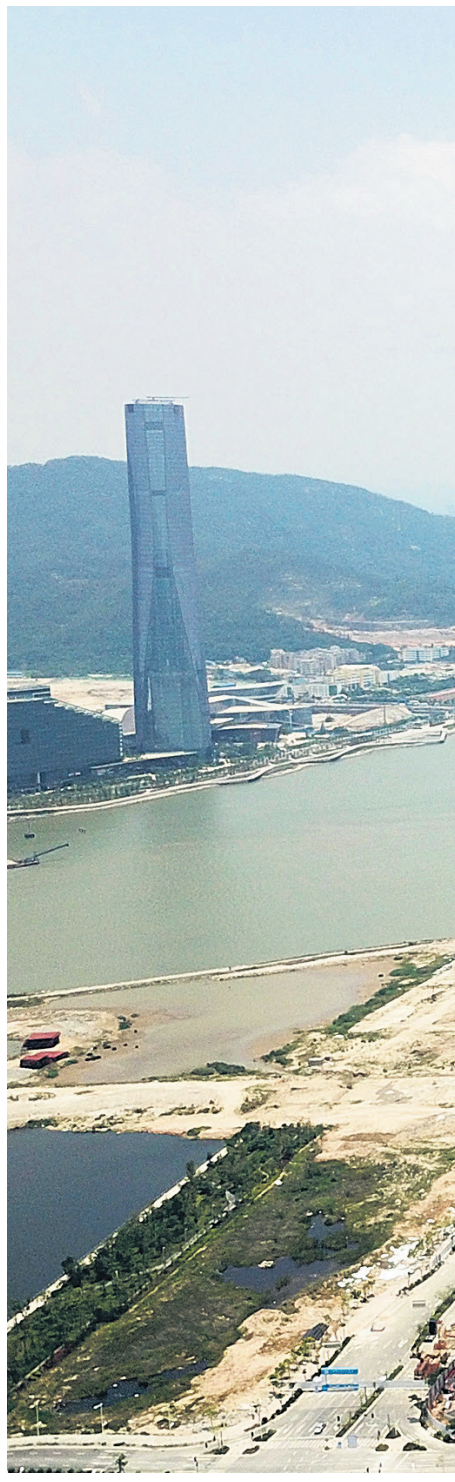
A história recente da Nova Área de Hengqin remonta a janeiro de 2009, altura em que Xi Jinping era vice-presidente da República Popular da China. Numa visita a Macau, na qual inspecionou a então subdesenvolvida ilha de Hengqin, Xi Jinping anunciou a decisão do Partido Comunista Chinês de desenvolver a ilha.

Meses depois, o Conselho de Estado aprovou o plano de desenvolvimento de Hengqin e, em abril de 2015, foi estabelecida a Zona de Comércio Livre da Nova Área de Zhuhai Hengqin.

Em fevereiro do ano passado, o Comité Central do Partido Comunista Chinês e o Conselho de Estado anunciaram o plano de desenvolvimento da Greater Bay Area - "Outline for the Development Plan of Guangdong-Hong Kong-Macau Greater Bay Area" - com a intenção de transformar a Nova Área de Hengqin numa zona de cooperação entre Guangdong, Hong Kong e Macau.

O plano de desenvolvimento da Greater Bay Area incentiva as cidades a reforçar os mecanismos de cooperação e a acelerar as ligações através da construção de infraestruturas de transporte, e Hengqin será a manifestação máxima do reforço da cooperação entre Hong Kong, Macau e Guangdong, alavancando as vantagens da filosofia "um país, dois sistemas".

A infraestrutura desempenha um papel igualmente importante nas ligações entre as três cidades. Hengqin foi instituída como a terceira zona piloto de livre comércio de Guangdong e fará a ligação entre Macau e Hong Kong. A maior ponte suspensa do mundo, a ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, com um comprimento de 55



Fonte: Google Maps

Liang Xu/Xinhua News Agency

km, liga o aeroporto internacional de Hong Kong a Hengqin numa viagem de automóvel de 40 minutos. A ponte, com saída direta para Hengqin, liga três zonas aduaneiras, três sistemas legais e três sistemas monetários. Mais do que uma ponte, trata-se de uma infraestrutura de transporte para Hong Kong e Macau se integrarem com o desenvolvimento mais alargado da China.

Os serviços alfandegários entre as cidades foram pensados para ser eficazes e eficentes, funcionando 24 horas por dia no porto de Hengqin. Tal como o acesso rodoviário, por exemplo: os automóveis com matrícula macaense poderão entrar facilmente em Hengqin, sendo que existem 24 serviços de *shuttle* diários entre Macau e Hengqin.

A cooperação também se faz a nível regulatório. O Tribunal Arbitral de Hengqin foi construído na ilha para que as empresas com sede em Macau ou em Hong Kong, que tenham litígios com empresas da China continental, possam escolher prosseguir o diferendo judicial segundo as leis de Hong Kong, Macau ou chinesas.

O PIB de Hengqin ascendia a 6,8 mil milhões de renminbi em 2014, pouco menos de mil milhões de euros. Mas, em quatro anos, a economia local registou um ritmo de crescimento médio de 29,1%, com o PIB de Hengqin a ascender a 24,5 mil milhões de renminbi em 2018, cerca de três mil milhões de euros

O Partido Comunista Chinês também desenhou os alicerces para a cooperação industrial a partir de Hengqin. Qualquer empresa com sede em Hong Kong ou Macau está automaticamente registada em Hengqin, de forma a poder desenvolver mais facilmente atividades nesta ilha.

Hengqin recebeu ainda o Guangdong-Macau Cooperation Industrial Park, sendo o projeto gerido pela Região Administrativa Especial de Macau, e ocupa uma área de cinco km2, que já tem 24 projetos instituídos. Desses, 21 já começaram os trabalhos de construção, com um investimento total de 75,6 mil milhões de renminbi (cerca de 9,8 mil milhões de euros).

Ou a Inno Valley Headquarters, uma incubadora para a inovação e empreendedorismo de Macau em Hengqin. Tem capacidade para 370 projetos de incubação, dos quais mais de 200 têm origem macaense. Em março de 2019, Hengqin instituiu o Fundo de Desenvolvimento Hengqin-Guangdong-Macau para estimular as empresas macaenses e jovens empreendedores a criar negócios na antiga Ilha da Montanha.

Para atrair empresas e investimento, Pequim delineou um sistema fiscal vantajoso em Hengqin inserido nas "políticas de apoio". O IRC, por exemplo, terá uma taxa de 15%, enquanto as pessoas singulares que trabalharem ou iniciarem atividade comercial em Hengqin pagam IRS segundo a legisção relevante, mas, se reunirem determinadas condições, poderão ter uma "recompensa" entre 20% a 40% do IRS.

Hengqin oferece ainda apoios industriais, como por exemplo, dez milhões de renminbi por ano para apoiar o comércio eletrónico transfronteiriço. As empresas que desenvolvam tecnologia de ponta podem receber subsídios de até um milhão de renminbi depois de obterem acreditação, sendo que os projetos científicos e tecnológicos poderão receber até cinco milhões de renminbi em subsídios.

O desenvolvimento de Hengqin espelha ambições maiores do que erger uma 'simples' cidade. Diferente da cultura ocidental, a cultura chinesa é conhecida por ter uma visão mais alargada, de longo prazo. A Greater Bay Area é um projeto que já está em andamento por vontade do Partido Comunista Chinês e que vai transformar o sul da China num dos polos mais avançados do ponto de vista tecnológico, científico e cultural. Devido ao seu posicionamento estratégico, Hengqin visa desempenhar um papel fulcral no novo equilíbrio do desenvolvimento económico mundial. O objetivo do Império do Meio é conseguir que, um dia, o rótulo *"made in China"* su-

ENTREVISTA FERNANDA ILHÉU Presidente da Associação Amigos da Nova Rota da Seda

"Portugueses têm bons produtos, mas adotam lógica de loja chinesa"

Para beneficiarem de um mercado com 68 milhões de pessoas, as empresas nacionais têm de deslocar-se para a Greater Bay Area e investir em marketing, refere a especialista Fernanda Ilhéu.

ANTÓNIO VASCONCELOS MOREIRA
amoreira@jornaleconomico.pt

Estudiosa das relações comerciais entre Portugal e a China, Fernanda Ilhéu explica ao Jornal Económico a importância de Hengqin no desenvolvimento da Greater Bay Area. E revela que as empresas portuguesas ainda não aprenderam a entrar no mercado do *glamour* que os chineses tanto apreciam.

O desenvolvimento de Hengqin tem dois capítulos. O primeiro começa antes da entrega de Macau à China.
Nos anos 1990, eu era delegada do AICEP em Macau e fui convidada pelas autoridades da ilha da Montanha para a visitar. Foi-me apresentado um estudo que tinha sido feito pelos professores da Academia das Ciências Sociais chinesa, que funciona como conselheira do seu governo. Acharam que naquele espaço se poderia fazer um parque industrial que teria ligação a Macau e que iria funcionar como a 'fábrica' de Macau, que começava já a ter uma grande dificuldade de falta de espaço e onde os preços da mão de obra começaram a aumentar. Propunham fazer ali um parque com empresas portuguesas e chinesas e os produtos sairiam com o rótulo "made in Macau".

Mas o projeto não foi para a frente. Porquê?
As autoridades portuguesas e de Macau não avançaram com a iniciativa. Macau já estava numa fase de transição e pensou-se que o projeto poderia levantar imensos problemas, nomeadamente na identificação dos trabalhadores, emissão dos certificados de origem, controlo da origem dos produtos, cálculo da percentagem do que era feito em Macau e do que era feito na China. Iria também levantar inúmeros problemas junto das entidades importadoras da União Europeia e dos Estados Unidos.

Foi uma oportunidade perdida para as empresas portuguesas...
Podia ter-se antecipado um pouco o tempo. Vamos agora, talvez, assistir a um caminho nesse sentido. A minha informação é que este projeto não chegou a um poder de decisão em Portugal que o considerasse de forma estratégica. O que é importante dizer é que o projeto já existia com iniciativa das entidades chinesas e a ideia é que Hengqin seria um prolongamento de Macau.

Mas recentemente começou a escrever-se o segundo capítulo do desenvolvimento de Hengqin.
Muito recentemente começou a ter forma institucional aquilo que se pretende vir a ser a Ilha da Montanha. O que temos presente é que levou cerca de mais de 20 anos a começarmos a ver Hengqin como alguém no passado já tinha antevisto. Em 2009 foi publicado o "Outline of the Plan for the Reform and Development of the Pearl River Delta". É a primeira indicação do que se vai passar na região, que é uma região mais avançada em termos de internacionalização e em termos de aproximação ao mundo ocidental do que outras regiões da China, pelo seu posicionamento e pela sua ligação a Macau e a Hong Kong.

Qual é o papel de Macau e de Hong Kong no desenvolvimento de Hengqin?
Podemos dizer que o Delta do Rio das Pérolas é um triângulo que tem na base Macau e Hong Kong, com Guangzhou no outro vértice. E, ao longo deste triângulo, há nove cidades - mais duas, Macau e Hong Kong, portanto, 11 cidades -, que já são de grande desenvolvimento. Portanto, é uma região altamente desenvolvida e industrializada e muito conectada com o mundo ocidental e Hengqin faz parte deste triângulo.

Teremos a ligação entre dois espaços com desenvolvimento diferente.
No lado de Hong Kong, temos Shenzhen, que hoje em dia já é mais importante que Hong Kong em termos de PIB e já tem também uma concentração enorme de investigação e de empresas de alta tecnologia, como a Tencent, a Huawei, a Baidu, e onde a Alibaba também tem escritórios. No lado de Macau está Zhuhai, que sempre foi mais atrasado em relação a Shenzhen. Não tinha tantos rendimentos, não tinha tanta pressão de investimento como tinha Shenzhen, porque Macau não tinha a força e a dinâmica de Hong Kong. Zhuhai, Macau e Hengqin eram campos, rios, e tinham uma atividade muito básica.

> "A maioria das empresas tem feito o chamado 'toca e foge'. Vão lá, tentam encontrar alguém para distribuir e depois entregam as suas amostras a uma pessoa que raramente faz um bom trabalho

Macau e Hong Kong seguem a filosofia "um país, dois sistemas". O mesmo sucede com Hengqin?
Depois de 2009 surge a autorização de integrar administrativamente, na sua zona económica especial, uma pequena parte de Zhuhai, que é a tal ilha de Hengqin. Mas há uma parte que começa a ser gerida por Macau e essa parte inicial, que era ainda relativamente pequena, dizia respeito fundamentalmente à zona onde está hoje a Universidade de Macau.

Em 2019 é apresentado o desenvolvimento da Greater Bay Area.
O Conselho de Estado da República Popular da China apresenta o guião para o desenvolver a Greater Bay Area, que tem quatro pilares: Hong Kong, Macau, Guangzhou e Shenzhen. São os motores do desenvolvimento da região e vão alavancar as vantagens competitivas, procurando ser centros de excelência e fortalecer toda a região. É um polo de crescimento da economia e da vida internacional da China naquela zona, e será para concorrer com a Tokyo Bay Area, San Francisco Bay Area e New York Bay Area.

E onde entra Hengqin nesse projeto?
A ideia do governo chinês é que Hengqin se desenvolva com alta tecnologia. O que nós vemos nesta Greater Bay Area é uma ideia de equilíbrio. Do lado de Hong Kong e Shenzhen há um desenvolvimento muito maior, quer financeiro, quer tecnológico. Do lado de Macau existe uma atividade fundamental, que traz muito dinheiro, mas que tem riscos e custos sociais. Não se pretende retirar a economia de casino de Macau, mas sim criar um equilíbrio com Hong

Cristina Bernardo

Kong, levando até àquela região a parte financeira e a parte tecnológica. Isso pode ser feito exatamente na zona de Hengqin, porque Macau territorialmente não tem espaço para isso.

Isto é um projeto a muito longo prazo...
...mas que está em grande aceleração. A zona de medicina chinesa já está construída - o laboratório e o centro de pesquisa e de medicina chinesa. Há três zonas construídas que são Chimelong International Ocean Resort, New Campus University of Macau e o Centro de Ténis Internacional. A parte residencial e cultural está a ser desenvolvida. Há uma zona de expansão com polos importantes, com alta tecnologia, turismo sem casino, área cultural, ensino superior e investigação, e o *cluster* da medicina, que integra a medicina tradicional chinesa e os produtos farmacêuticos, nomeadamente uma área importantíssima que é a certificação internacional dos produtos de medicina chinesa.

O desenvolvimento de Hengqin e da Greater Bay Area é uma carta para o exterior.
Isto vai ser altamente virado para o exterior. Estamos a falar de uma zona de livre comércio, sendo que existem outras na China. Há muitos grupos de Hong Kong e de Macau a investir em Hengqin. Há iniciativa privada.

As empresas portuguesas poderão aproveitar as relações históricas com Macau?
Em termos diplomáticos, as relações entre Portugal e Macau são muito boas. Além disso, a população portuguesa sente-se bem em Macau. Mas, em termos comerciais, Portugal continua a não ser muito competitivo na região.

Porquê?
Porque Portugal tem de perceber que concorre naquela região como concorre noutros países desenvolvidos ou em Hong Kong. Quer Hong Kong, quer Shenzhen têm um *ranking* de qualidade muito elevado. É aí que os portugueses têm de ser competitivos.

O que falta às empresas portuguesas para serem mais competitivas?
Muitas vezes, vejo em Macau atividades de portugueses que têm bons produtos mas depois adotam a lógica da loja chinesa. Na China não se compram produtos, compram-se perceções de produtos, compram-se narrativas, compra-se o *glamour*. E nós ainda não conseguimos entrar nesse mundo.

Falta maior aposta no marketing dos produtos portugueses?
Exatamente. E investirem na localização. Para isso é preciso ter uma equipa local forte, é preciso ter pessoas da empresa que vão para lá e pessoas que conhecem a realidade local. Porque vender na China a chineses é diferente de vender na Europa a europeus e a portugueses. Temos de saber, do ponto de vista cultural, de gostos, da forma de comprar, como é que as populações funcionam e o que motiva a decisão de compra. É preciso estar ali, como base, e andar na China.

As empresas portuguesas não fazem esse esforço?
Acho que a maioria das empresas tem feito o chamado 'toca e foge'. Vão lá, tentam encontrar alguém para distribuir e depois entregam as suas amostras a uma pessoa que raramente faz um bom trabalho. É preciso ver que estamos a falar de um mercado de 68 milhões de pessoas na Greater Bay Area, com um poder de compra *per capita* dos mais elevados na China e com percentagens muito grandes de milionários e de expatriados. Esse mercado diz-nos que utilizar esta região como uma base de partida, indo do sul para o norte na China, poderá ser uma estratégia correta.

Mas as empresas portuguesas já estiveram em Macau e poderão voltar a essa região...
Nos serviços, tivemos uma presença financeira forte e que saiu quase toda. A determinada altura, tínhamos os principais bancos portugueses em Macau e a maioria foi saindo progressivamente. Mas, independentemente disso, houve uns que já tiveram uma posição no mercado fabulosa e que resolveram desistir e ir para outras partes do mundo, nomeadamente para a Polónia, por exemplo. Agora vai ser mais difícil voltar, porque há um princípio basilar na relação com a China, que é a confiança. Alguém que os chineses reconhecem que é um amigo a sério. Alguém que é persistente e consistente.

Que empresas portuguesas poderão encetar relações comerciais na região da Greater Bay Area?
Há muitas empresas que não estão no radar das que saíram e muitas que nem existiam quando saímos de Macau. Há novas áreas de conhecimento. Por exemplo, a economia azul. Também pode ter petróleo, há uma zona de refinação de petróleo e gás que vai abastecer Macau e ser uma alternativa ao fornecimento de Hong Kong. Também tivemos empresas de infraestruturas em Macau, e algumas ainda estão lá ao nível da consultoria, e cheias de trabalho. Mas esta ligação da zona à China vai ter que ser infraestruturada.

HUB DE NEGÓCIOS

Grande Baía deverá crescer mais do que o resto da China

Plano do também chamada Delta do Rio das Pérolas é apadrinhado pelo presidente chinês, Xi Jinping, e deverá estar concluído até 2035. Economia da região no sul da China ronda os 1,4 biliões de euros.

MARIANA BANDEIRA
mbandeira@jornaleconomico.pt

Livre circulação (de bens, pessoas e dinheiro), sítio ideal para se viver, trabalhar e passear, e uma das principais regiões económicas do mundo. É assim que a China pretende que a Área da Grande Baía se caracterize e obtenha o título de *hub* de negócios, que o estado norte-americano da Califórnia há muito conquistou. O plano da Greater Bay Area (GBA) compreende nove cidades na província de Guangdong (Cantão) – Guangzhou, Shenzhen, Foshan, Dongguan, Zhaoqing, Jiangmen, Zhongshan, Zhuhai e Huizhou – e as duas Regiões Administrativas Especiais (RAE) chinesas de Hong Kong e Macau, e deverá estar concluído até 2035.

A designada "megametrópole" – também conhecida como Delta do Rio das Pérolas – é considerada a futura potência económica no sul da China, tendo, por isso mesmo, a 'benção' do presidente chinês, Xi Jinping. "Envolve reformas significativas a nível de infraestruturas, impostos, emprego e abertura do mercado financeiro, permitindo a essa região aumentar a sua competitividade e capacidade de internacionalização, cruciais para a promoção/manutenção do desenvolvimento económico da República Popular da China", explica a advogada Rita Assis Ferreira ao Jornal Económico (JE). "O Plano da GBA engloba nove cidades da China continental e duas regiões administrativas localizadas na província de Guangdong, que representa atualmente 26% do comércio da China e 28% das suas exportações", salienta a associada coordenadora da China Desk da PLMJ.

A região tem os números a seu favor para criar um ambiente de negócios competitivo. Embora a GBA represente menos de 1% da dimensão do país e tenha cerca de 70 milhões de habitantes (ou seja, menos de 5% da sua população total), só o Produto Interno Bruto (PIB) combinado daquelas 11 cidades foi 1,53 biliões de dólares (cerca de 1,38 biliões de euros) em 2017. Trata-se de uma economia mais valiosa do que a de países que pertencem ao G20, entre os quais a Austrália ou o México.

"Há realidades diferentes. Cada cidade tem a sua própria identidade, mas de destaque temos Shenzen, que será certamente a cidade que mais interesse irá despertar devido ao seu posicionamento na área tecnológica, seguida de Guangzhou, pois tem um grande posicionamento na indústria, seguidas de Nanshan, Jiangmen, Zhuhai, pelas zonas económicas exclusivas dos seus portos e apoio ao comércio internacional", afirma Alberto Carvalho Neto, presidente da Associação Jovens Empresários Portugal-China (AJEPC). Em 2018, 6,9% das importações da China tiveram origem na própria China, sendo que 12,8% dessas compras advieram da União Europeia, 9,6% da Coreia do Sul e 8,4% do Japão. O empresário português prevê que esta "concentração enorme de empresas de âmbitos tão diversos, da indústria tradicional ao maior dos mercados de tecnologia do mundo", abre uma clara oportunidade para o reforço das relações económicas e de crescimento das empresas de Macau, que podem tornar-se mais atrativas, ganhar com o comércio externo e ter o "mesmo tratamento que as do continente".

Tecnologia, comércio/logística e serviços financeiros são os setores que mais beneficiarão da "megametrópole" chinesa, conclui o relatório da KPMG, HSBC e Câmara de Comércio de Hong Kong

Mais de três quartos (77%) dos empresários da GBA esperam que o crescimento económico desta região exceda o do resto da China nos próximos três anos, segundo um relatório da consultora KPMG, do banco HSBC e da Câmara de Comércio Geral de Hong Kong. Os analistas anteveem quen a dimensão do mercado consumidor da região aumente "exponencialmente" até 2025. O mesmo estudo, que teve por base cerca de 700 inquéritos a executivos locais, concluiu ainda que os segmentos de atividade que provavelmente beneficiarão mais deste ambicioso projeto são a tecnologia e a inovação (53%), o comércio e a logística (45%) e os serviços financeiros (44%). "O que torna a GBA única é o seu potencial de alavancar os pontos fortes de serviços financeiros, comerciais e profissionais de Hong Kong; as capacidades industriais e de alta tecnologia de Shenzhen; as atrações turísticas de Macau e as especialidades manufatureiras de Dongguan, Guangzhou, Foshan e Huizhou, para criar o equivalente às áreas de São Francisco, Nova Iorque e Tóquio", refere Ayesha Lau, *managing partner* da KPMG China (Hong Kong), no documento.

Em 2020, os setores com mais potencial de escalabilidade neste *cluster* serão essencialmente o tecnológico e o financeiro, segundo os editores do "South China Morning Post". Este jornal destacou, num artigo publicado em dezembro, que as dez empresas com o crescimento mais acelerado são a WeLab Holdings, DDC Enterprise, SenseTime Group, Prive Services, Shopline Corporation, Lalamove, Lumi United Technology, Prenetics, GoGo Tech Guangzhou Wyan Culture & Media. Ou seja, na sua maioria *fintechs* e empresas de comércio eletrónico com sede em Hong Kong (apenas uma está localizada em Shenzhen e outra em Guangzhou).

Zhuhai apoia empresas locais com até cinco milhões de yuans

A Área da Grande Baía foi referenciada, pela primeira vez, em 2015. Dois anos depois, o primeiro-ministro chinês, Li Keqiang, anunciou oficialmente os planos para desenvolver a região GBA no relatório anual do governo, divulgado na 12º Congresso Nacional Popular da República Popular da China, e um ano depois informou que o projeto vai avançar brevemente.

Os *baby steps* da GBA estão agora a tornar-se maiores. Desde então, a imprensa local refere que há grupos chineses, do tecido empresarial à academia, que estão interessados em aprender com o exemplo de São Francisco e, inclusive, criar pontes entre o sul da China e esta região dos Estados Unidos. A jurista esclarece ao JE que, tal com tem vindo a ser habitual em muitos dos modelos de desenvolvimento chinês, a região terá características próprias. "Numa interpretação lata, poderemos dizer que existe alguma inspiração em Silicon Valley, no que respeita à criação de uma ou mais zonas de elevada especialização tecnológica. No entanto, outras regiões apresentarão cromossomas industriais, de serviços e até de manufatura, desenvolvidos com ADN chinês e inspiração própria. No que respeita a tecnologia de ponta (*blockchain*, inteligência artificial,

robótica), o objetivo num prazo mais longo será, como é tradição na China, mais ambicioso: que Silicon Valley vá, em algum momento, inspirar-se na região da GBA", resume.

Em termos práticos, esta união de esforços no sul da China está, aos poucos, a surtir efeito. A autonomia de Macau e Hong Kong não se circunscreve ao poder executivo, legislativo e judicial, mas sente-se no dia a dia dos cidadãos. Logo, os pagamentos estão a ser flexibilizados, por exemplo. Os moradores de Hong Kong poderão em breve pagar os transportes públicos de Guangzhou, porque o cartão Yang Cheng Tong (utilizado para os bilhetes de metro, autocarro e táxis) vai aceitar pagamentos através do serviço Alipay de Hong Kong. Aliás, o próprio orçamento de Hong Kong 2018-2019 também reservou 50 mil milhões de dólares (HKD) para apoiar a inovação e o desenvolvimento de

tecnologia na região. "Cada uma destas cidades foi alvo de um plano de benefícios fiscais para investidores estrangeiros e empresas locais, melhoria nas suas infraestruturas, cuidados médicos, acesso imobiliário, etc., tendo transformado a cidade de Dongguan numa 'cidade-modelo' para implementar muitas medidas de desenvolvimento económico da GBA e, futuramente, reproduzir esse modelo noutras cidades e regiões", defende Rita Assis Ferreira.

A cidade de Zhuhai foi aquela que apresentou o plano de desenvolvimento tecnológico para a GBA mais recentemente. Em colaboração com Macau, o governo de Zhuhai tem o intuito de conceder incentivos a qualquer empresa com planos para modernização e desenvolvimento de novas soluções de vanguarda. O programa para Zhuhai abarca 20 medidas, entre as quais a criação da Zona Piloto de Comércio Livre da localidade de Hengqin (a "Ilha da Montanha") e de fundos para auxiliar empresas locais, que poderão receber até cinco milhões de yuans (cerca de 650 mil euros) cada uma.

Os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), dada a histórica ligação a Macau, figuram entre os que podem tirar partido deste projeto no Delta do Rio das Pérolas. Para Alberto Carvalho Neto, a lusofonia também deve olhar para esta região como um todo e reforçar as relações diplomáticas e comerciais com a República Popular da China. "É o momento ideal para pôr em prática a implementação do acordo CEPA, com redução de taxas de importação por parte das empresas chinesas em produtos que tenham alguma intervenção em Macau, como por exemplo o reembalamento de produtos, passando de caixas maiores para unidades menores. Este tipo de processos tem uma redução de taxa enormíssima", lamenta.

Programa para Zhuhai compreende 20 medidas, entre as quais a criação da Zona Piloto de Comércio Livre da localidade de Hengqin

Na opinião de Rita Assis Ferreira, os países de língua portuguesa que ofereçam boas condições a empresas chinesas instaladas nesta região, como a Huawei e a Tencent, e a outras que se instalem naquela zona poderão beneficiar dos seus produtos e serviços, "promovendo o desenvolvimento de algumas áreas ainda muito carenciadas". A advogada portuguesa antecipa que a GBA seja também uma oportunidade para os assessores jurídicos e lembra que o Ministério dos Recursos Humanos e da Segurança Social chinês deu luz verde à hipótese de os árbitros dos tribunais de Trabalho de Hong Kong e de Macau serem nomeados para resolver conflitos nessa área em Nansha (Guangzhou), "com vista a reforçar a cooperação da província de Guangdong com as duas regiões administrativas especiais". "Nansha está dentro da Zona Piloto de Comércio Livre de Guangdong, pelo que esta iniciativa está a criar oportunidades de intercâmbio entre os profissionais jurídicos na Área da Grande Baía".

Alberto Carvalho Neto não tem dúvidas de que, devido à dimensão da China, é necessário trabalhar em conjunto para conseguir atingir resultados mais rápidos e ganhar representação. Nesse mesmo sentido, várias figuras nacionais procuraram, em 2019, contribuir para o reforço das relações culturais, económicas e académicas entre Portugal, lusofonia e GBA. O trabalho conjunto resultou na criação da Associação de Cooperação Portugal-Grande Baía (presidida por Miguel Lemos Rodrigues e vice presidida por Tiago Pereira, ambos com experiência em Macau há vários anos), assim como na fundação da Portugal-Hong Kong Chamber of Commerce and Industry, sob a liderança de Bernardo Mendia. ●

PUB

30 JANEIRO DE 2020

Conferência
Orçamento do Estado 2020

PROGRAMA

08h30 Receção dos participantes
08h50 Notas iniciais - EY e Jornal Económico
09h00 Sessão de Abertura
Ricardo Mourinho Félix, Secretário de Estado Adjunto e das Finanças

09h20 **As grandes linhas em matéria fiscal do OE 2020**
(IRS, IRC, Impostos indiretos, Património, Taxas e Contribuições Especiais)
IRS – **Anabela Silva**, Partner EY
IRC – **António Neves**, Partner EY
Património – **Pedro Fugas**, Partner EY
Impostos indiretos – **Amílcar Nunes**, Associate Partner EY
Taxas e contribuições especiais – **Carlos Lobo**, Partner EY
Moderador: **Shrikesh Laxmidas**, Diretor Adjunto, Jornal Económico

10h20 Coffee break e Networking

10h40 Mesa Redonda – **Este é o OE que o país precisa?**
Rui Leão Martinho – Bastonário, Ordem dos Economistas
João Duque – Economista, Professor Catedrático, ISEG
Francisca Guedes de Oliveira - Professora Auxiliar, Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica Portuguesa
Susana Peralta – Economista, Professora, Nova SBE
Luis Marques – Country Tax Leader, EY
Moderador: **Filipe Alves**, Diretor, Jornal Económico

11h40 Encerramento
Nazaré da Costa Cabral, Presidente do Conselho de Finanças Públicas

CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA
SALA FERNANDO PESSOA

Mais informações: oe.2020@jornaleconomico.pt

Acompanhe em direto em http://jornaleconomico.sapo.pt e nas redes sociais

Uma organização conjunta:

O Jornal Económico

EY
Building a better working world